



MEU CABELO NÃO É SÓ ESTÉTICA, É TAMBÉM POLÍTICA: OS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS NARRATIVAS VISUAIS¹

Danielle Christina do Nascimento Oliveira²

Resumo: Com o presente trabalho visou discutir acerca da trajetória de mulheres negras que assumem o protagonismo de suas próprias vidas. Usam as narrativas visuais e verbais nas redes sociais como ferramentas de empoderamento e identificação, valorizando suas histórias e compartilhando experiências. Mulheres que se movimentam a todo tempo, e estão conectadas as redes sociais com intuito de estender suas lutas, resistir aos padrões impostos histórico-socialmente, criar seus próprios rumos. Em diálogo com algumas narrativas visuais e escritas, o trabalho mostra a importância das redes sociais/educativas para os movimentos sociais, e o quanto histórias cotidianas contribuem para o combate as práticas de opressão, discriminação e violência sofridas diariamente por muitas mulheres. Nesse sentido, ajudam nessa reflexão alguns pensadores eleitos como base teórica-metodológico: a autora (com seu heterônimo de) bell hooks (2005) na perspectiva de escritora referência em várias discussões inclusive sobre as implicações dos cabelos nas identidades de militância política negra e Mailsa Passos (2014) com as contribuições da “metodologia do encontro”, no qual acreditamos que fazer pesquisa na área da educação é “encontrar-se com o outro”, ouvir suas narrativas (com escuta atenta) e sabendo que em todo encontro há uma troca. E, ao me encontrar epistemologicamente com essas mulheres, eu me reconheci em cada uma delas.

Palavras-chave: educação; processos identitário; redes sociais; movimentos negros.

MY HAIR IS NOT ONLY AESTHETIC, IT'S ALSO POLITICAL: SOCIAL MOVEMENTS AND VISUAL NARRATIVES

Abstract: The present work aims to discuss the trajectory of black women who assume the protagonism of their own lives. They use visual and verbal narratives in social networks as tools of empowerment and identification, valuing their stories and sharing experiences. Women who move at all times, and are connected to social networks in order to extend their struggles, resist the standards imposed historically and socially, create their own directions. In dialogue with some written and visual narratives, the work shows the importance of social/educational networks for social movements. In addition, how much everyday stories contribute to combating the practices of oppression, discrimination and violence suffered daily by many women. In this sense, some thinkers chosen as a theoretical-methodological basis help the reflection: the author (with her heteronym of) bell hooks (2005) from the perspective of reference writer in several discussions including on the implications of hair in the identities of black political militancy and Mailsa Passos (2014) with the contributions of the "methodology of the meeting", in which we believe that doing research in the field of education is "meeting the other", listening to their narratives (with attentive listening) and knowing that in every

¹ Uma versão desse texto foi apresentado e publicado no VIII Seminário Internacional as Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação. Ver referências bibliográficas.

² Graduanda no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e bolsista de Iniciação Científica do CNPq, no Grupo de Pesquisas Culturas e Identidades no Cotidiano (site: <http://culturaseidsnocoti.wixsite.com/culturaseidentidades>), coordenado pela professora Dr^a Mailsa Carla Pinto Passos.



encounter there is an exchange. Moreover, when I met epistemologically with these women, I recognized myself in each of them.

Keywords: education; identity processes; social networks; black movements.

ME CHEVEUX N'EST PAS SEULEMENT ESTHÉTIQUE, EST AUSSI POLITIQUE: LES MOUVEMENTS SOCIAUX ET NARRATIVE VISUAL

Résumé: Le présent travail discute sur la trajectoire des femmes noires qui prennent sur le rôle de protagoniste de leur propre vie. Ils utilisent des narratives visuels et verbaux dans les réseaux sociaux comme outils d'obtenir pouvoir et l'identification, en valant ses histoires et en partagent expérience. Femmes qui se mouvementons tous les temps, et sont connecté à réseaux sociaux avec l'intention d'étendre ses combats, résister aux normes imposées historique-socialement, crier ses propres chemins. Dans le dialogue avec une certaine narration visuelle et écrite, le travail montre l'importance des réseaux sociaux/éducatifs pour les mouvements sociaux, et comment les histoires de tous les jours contribuent à lutter contre les pratiques de l'oppression, la discrimination et les violences subies quotidiennement par de nombreuses femmes. En ce sens, aider à cette réflexion des penseurs élus comme base théorique et méthodologique: l'auteur (avec son hétéronome de) bell hooks (2005) dans la perspective de l'écrivain de référence dans diverses discussions, y compris sur les implications des cheveux dans les politiques des identités de militantisme noir et Mailsa étapes (2014) avec des contributions de la méthodologie de réunion dans laquelle nous croyons que faire de la recherche dans l'éducation est "de rencontrer l'autre", écouter leurs histoires (avec une écoute attentive) et sachant que, dans chaque réunion il y a un échange. Et pour répondre à épistémologiquement avec ces femmes, je me suis reconnu dans chacun d'eux.

Mots- clés: l'éducation; processus d'identité; les réseaux sociaux; mouvements noirs.

MI PELO NO ES SOLO ESTÉTICA, ES TAMBIÉN POLÍTICA: LOS MOVIMINETOS SOCIALES Y LAS NARRATIVAS VISUALES

Resumen: Con el presente trabajo tengo el interés de discutir la trayectoria de mujeres negras que asumen el protagonismo de sus propias vidas. Usan las narrativas visuales y verbales en las redes sociales, como herramientas de empoderamiento e identificación, valorando sus historias y compartiendo experiencias. Mujeres que mueven a todo tiempo, y son conectadas a las redes sociales con el intuito de fortalecer sus luchas, resistir a los patrones impuestos histórico-socialmente, crear sus propios rumbos. En diálogo con algunas narrativas visuales y escrituras, el trabajo muestra la importancia de las redes sociales/educativas para los movimientos sociales, y el cuanto las historias cotidianas contribuyen para el combate a las prácticas de opresión, discriminación y violencia sufridas a menudo por muchas mujeres. En este sentido, ayudan en la presente reflexión algunos pensadores elegidos como base teórica-metodológico: la autora (con su heterónimo de) bell hooks (2005) en la perspectiva de escritora referencia en varias discusiones incluso sobre las implicaciones del pelo y las identidades de militancia política negra y Mailsa Passos (2014) con las contribuciones de la "metodología del encuentro", en lo cual creemos que hacer pesquisa en el área de educación es "encontrarse con el otro", oír sus narrativas (con una escucha atenta) en que uno sepa que en todo encuentro hay cambios. Al encontrarme epistemológicamente con estas mujeres, yo también me he reconocido en cada una de ellas.

Palabras-clave: educación; procesos identitario; redes sociales; movimientos negros.



Figura 1. Imagem da internet



Fonte: Facebook³

INTRODUÇÃO

Com o presente trabalho visou discutir histórias de mulheres negras tendo como base suas narrativas visuais que as empoderaram. A partir da contação de suas histórias cotidianas elas mostram as interferências que ocorreram em suas vidas quando resolveram se posicionar. Nesse sentido, suas histórias deixam de ser apenas oral/escrita e passam a ser também visuais, considerando que nessas histórias podemos perceber que o uso de seus cabelos deixa de ter caráter exclusivamente estético, passando a ser também político, devido ao grau de envolvimento dessas mulheres em relação as suas decisões.

³ Fotografia capturada da página do Facebook: CWBraids, em 13 mar. 2013, mais especificamente de um grupo dos movimentos de mulheres negras. Disponível em: <https://fbcdn-sphotosha.akamaihd.net/hphotosakxpa1/v/t1.09/s720x720/580689_439501536130482_1093174747_n.jpg?oh=4fb2c0e1949e26336893db6db536e805&oe=55AEBF56&__gda__=1433721556_95af456b9dd33981e6e8035d1bd5dc87>. Acessado em: 23 fev. 2015.



Há anos o cabelo crespo é mal visto na nossa sociedade. Muitas vezes é chamado de “cabelo ruim”, outras de “cabelo mal cuidado”, até mesmo “cabelo sem jeito”. Aquele famoso cabelo que precisa ser controlado. Qual a menina de cabelos crespos após se arrumar, e estar pronta para sair de casa, nunca ouviu a seguinte pergunta: “Não vai pentear o cabelo, não? Vai sair com ele bagunçado? Passa uma mão molhada para abaixar”. Frases como essas são ditas todos os dias, além dos muitos apelidos que os cabelos crespos possuem. A partir de experiências minhas, dolorosas, “cômicas” e inesquecíveis, comecei a me questionar sobre o cabelo enquanto posicionamento estético e político: por que para a sociedade o cabelo crespo na infância deve ser preso (geralmente trançado) e a partir da adolescência deve ser alisado? Não há meio termo. Muitas vezes o que demarca a mudança de fase da menina para mulher é o fato dela já estar “apta” para usar química de alisamento nos cabelos. A importância da mudança nos penteados como formas de representar a passagem da infância para a adolescência é esperada por todas, porque só assim nós seríamos mais aceitas. Com isso nota-se que os ideais de beleza feminina no Brasil influenciam no processo de construção de identidades das mulheres negras e que esses ideais são moldados socialmente pelas mulheres brancas e seus cabelos lisos, tais como nas propagandas de produtos capilares.

Abordar os símbolos estéticos como também processos políticos demonstram o poder que as mulheres negras vêm adquirindo ao longo da sua história de lutas e resistência. A escritora e ativista feminista americana bell hooks (2005) nos informa que até a década de 90 – inicialmente nos Estados Unidos – os penteados naturais eram associados à militância política: “muitos(as) jovens negros(as), quando pararam de alisar o cabelo, perceberam o valor político atribuído ao cabelo alisado como sinal de reverência e conformidade frente às expectativas da sociedade” (p.5).

Nesse sentido, essa discussão contribui para a produção de conhecimento em torno das práticas e dos processos identitários com relação à afrodiáspora, e permite-nos observar os movimentos sociais/visuais que se estenderam ao longo do tempo (pessoalmente e virtualmente). A todo o momento histórias se cruzam e/ou se completam nas redes, e, em algum momento a minha história cruzou-se com as histórias de mulheres das quais eu dialogo ao longo texto.



ENCONTROS: PRODUÇÕES DE CONHECIMENTOS

Nota-se que cada dia os movimentos estão ganhando mais força e espaço nas redes sociais (Facebook, Twitter, Blogs, etc.), em especial os movimentos das mulheres negras, tais como Blogueiras Negras; Blog das Cabeludas – cabelo crespo, afro hair, black power; Coletivo Feminista Marias; Criola; Geledés – Instituto da Mulher Negra; Encrespando Cacheando; Cacheadas em Transição; dentre muitos outros, não só coletivos de mulheres organizadas como movimento social, mas também mulheres individualmente se expressando em rede. Esse aumento vem abrindo portas para grandes debates, ora nas próprias redes sociais, ora como palestras em Universidades, oficinas, cursos e eventos. Alguns com um cunho mais estético e outros mais voltados para o político, mas todos voltados para uma maior visibilidade da mulher negra, no intuito de mostrar sua importância, com meios de aceitação e identificação a partir da troca de experiências.

Mas, preocupo-me em saber quem são essas mulheres negras com múltiplas identidades e que expõe todos os dias suas posições políticas visualmente, que veem as redes sociais virtuais como possibilidades de expor seus pontos de vista e contar-nos sobre suas lutas, que aproveitam os espaços não só para falar, mas também para mostrar. Quem são elas? Essas mulheres negras nos dizem muitas coisas a todo tempo. Encontrá-las nos faz refletir sobre várias questões, inclusive sobre nós mesmos, porque elas usam ferramentas virtuais/visuais que dão visibilidade as suas próprias histórias, entendendo que histórias importam, e que o que importa mais é o que elas contam sobre si, e não o que o “outro” fala sobre elas.

TRAJETÓRIA: ELAS CONTAM/DIVULGAM SUAS HISTÓRIAS EM REDES SOCIAIS EDUCATIVAS

A partir das minhas visitas aos sites frequentados por mulheres negras mantive contato virtual com três delas: Viviane Laprovita, Aline Braga e Laila Batista. Este contato possibilitou diálogos com outras fontes no período de março de 2015. Conversamos sobre assuntos que alimentariam o meu texto, tais como a relação estética

e política que elas possuem com o cabelo e suas percepções dos acontecimentos cotidianos ao longo de suas histórias.

A estudante do curso de Estudos de Mídias, da Universidade Federal Fluminense (UFF), fotógrafa e cineasta, Viviane Laprovita, 24 anos, narra sua história a partir de fotos divulgadas nas redes sociais contemporâneas, deixando claro seu posicionamento estético e político. Uma “camaleoa”, como ela mesma se intitula, Viviane é mil mulheres em uma só, e tem como ferramenta seu próprio cabelo:

Pra mim, assumir a naturalidade do meu cabelo crespo ultrapassa a questão estética porque significa não só reconhecer-me como negra e identificar minhas raízes afro-brasileiras, mas também significa aceitar e amar meu corpo do jeito que é, enfrentar a sociedade, lutar contra o preconceito, ir contra os padrões estéticos opressivos vividos pelas mulheres, propagar o amor ao crespo e incentivar a educação que reconhece o caráter miscigenado da população brasileira. É um posicionamento político sim, já que minha postura contribui com a propagação das ideias, incomoda a sociedade e com isso gera um questionamento, uma reflexão que no final contagia outras pessoas e alimenta esse ciclo de afirmação da própria negritude.

Desde pequena, assim como muitas outras mulheres, vivi uma série de opressões e tentava a todo custo me encaixar no padrão estético de magreza, cabelo liso e branqueamento. Sempre fui ligada a música e na adolescência fui cativada pelo rap e pela cultura hip hop, onde pude identificar mil questionamentos sociais e estéticos que foram plantando pequenas sementes dentro de mim. Aos poucos fui me sentindo saturada em relação aqueles padrões e resolvi parar de alisar o cabelo. Quando entrei na faculdade ainda estava na fase da transição então fazia escova, quando me senti segura quis fazer dreads e comecei a sentir na pele a mudança de tratamento das pessoas comigo. Minha própria família me oferecia dinheiro pra cortar o cabelo e voltar a alisar, quer dizer, minha posição incomodava demais, era difícil entender porque eu "tinha estragado um cabelo tão lindo e liso" pra fazer "aquilo". Nesse momento todas as opressões que sempre vivi se tornaram bem maiores e isso não me desanimou, pelo contrário, me deu forças pra dar continuidade a minha resistência. Quando percebi que já tinha boa parte do cabelo sem química cortei os dreads e finalmente assumi meu cabelo crespo natural. Foi muito mais que uma mudança visual, foi uma mudança de alma, passei a estudar e militar no movimento negro, incentivar mais irmãs a se assumirem negras, foi um processo de aceitação importantíssimo na minha vida que só me traz orgulho.

Figura 2. Imagem da página pessoal do Facebook





Fonte: Viviane Laprovita, 06 mar. 2015.⁴

Muitos cabelos e estilos em 6 anos. Não vejo aqui somente uma evolução capilar, vejo uma evolução interna da Viviane que não se arrepende de nada, que preza pela sua liberdade de ser, que se orgulha de ter se assumido negra e crespa, que ama seu corpo e se aceita exatamente do jeito que é. Reuni fotos sobre este processo justamente na intenção de mostrar que é possível assumir sua naturalidade, relata Viviane. Ela quis incentivar outras pessoas a fazer o mesmo, quis mostrar o quanto se sente mais bonita hoje em dia e o quanto é importante se encontrar, se aceitar e se amar do jeito que se é. “Sempre que passo a ideia adiante, acredito que desse jeito criamos mais força e adquirimos resistência para continuar lutando”, finaliza Viviane.

Já Aline Braga, 26 anos, pedagoga, professora da rede municipal do Rio de Janeiro e atualmente estudante de mestrado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tem levado seu posicionamento para as salas de aula da escola na qual ela leciona, buscando compreender a relação da criança com o seu cabelo, vendo e ouvindo o “outro” como forma de entender a si. E, aproveita os espaços universitários como elementos dessas redes educativas para dialogar com outros estudantes sobre o tema, e tendo como ferramenta principal o livro “O cabelo de Lelê” (2012)⁵ – da autora Valéria Belém, editora Companhia Editora Nacional. O livro trata da relação de uma menina com seu cabelo: “Lelê não gosta do que vê – de onde vêm tantos cachinhos? Pergunta sem saber o que fazer. E essa resposta ela encontra num livro, em que descobre sua história e a beleza da cultura africana” (Belém, 2012, p.5).

Figura 3. Imagem da Apresentação na XII Conlab Congresso Luso-Afro-Brasileiro

⁴Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=961263017249554&set=a.162734630435734.30034.100000975937377&type=3&theater>>. Acessado em: 12 mar. 2015.

⁵ Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/naysataboada/o-cabelo-de-lele>>. Acessado em: 4 mar. 2015.



Fonte: Facebook: Aline Braga, 03 fev. 2015.⁶

Com este instrumento ela trabalha com alunos da Educação Infantil sobre autoimagem, onde faz sua pesquisa, observando o olhar que a criança negra tem sobre os seus cabelos crespos, uma vez que a sala de aula oportuniza o encontro e a troca. Aline narra sua experiência a partir do ingresso à Universidade:

Na sociedade eu percebo como é forte a questão do “cabelo bom/ cabelo ruim”. E ao adentrar na Educação Infantil percebi que o racismo se reproduz no seu espaço com apontamentos relativos à aparência (a cor e ao cabelo crespo), os pequenos já crescem com essa ideia, e, constantemente as mães que são as primeiras incentivadoras do alisamento. O meu cabelo carrega minhas raízes, minha ancestralidade. O uso dele crespo (natural) é uma ressignificação que fiz ao ingressar na UERJ. O principal motivo foi a criança que eu fui. Nasci de uma mãe branca e de um pai preto e, sofri racismo! Ao estudar/entender que existe uma questão racial, eu entendi que era vítima das ideologias do embranquecimento. Por essa razão, o meu cabelo não é moda, mas sim identidade.

Enquanto isso, Laila Batista, 27 anos, jornalista por formação e feminista por convicção, mãe, militante na “Auto-Organização de Mulheres Negras de Sergipe Rejane Maria” e mestranda pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), usa as redes sociais para apoiar suas lutas e expandi-las. Laila, como qualquer mulher, possui muitas

⁶Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=669139009861517&set=pb.100002962726037.-2207520000.1426278550.&type=3&theater>>. Acessado em: 13 mar. 2015.



identidades e a partir delas luta e contribui de forma ativa para que todas sejam respeitadas.

Há pouco mais de dois dias, antes de conversar com essas mulheres, deparei-me com um texto no “Blogueiras Negras”, escrito por Laila (2014), o qual fazia menção a uma performance em vídeo onde é exposto o poema “Me gritaron negra” (1982)⁷, bastante divulgado no final do mesmo ano, de Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra – professora, poeta, folclorista, estilista, compositora, coreógrafa e desenhista, expoente da arte afro-peruanada. O poema a inquietou e a fez escrever um texto que provocou o mesmo em mim. A partir disso me interessei em trazê-las para dialogar com o meu texto. Abaixo exponho um trecho do poema:

Tinha sete anos apenas,
apenas sete anos,
Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua
me gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
"Por acaso sou negra?" – me disse: SIM!
[...]
E passava o tempo,
e sempre amargurada
Continuava levando nas minhas costas
minha pesada carga
E como pesava!...
Alisei o cabelo,
Passei pó na cara,
e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma palavra
Negra! Negra! Negra! Negra!
[...]
Negra sou
De hoje em diante não quero
alisar meu cabelo
Não quero!

Este poema é como um hino na luta contra o racismo, é uma dura reflexão sobre a experiência de tornar-se negro (a). Victoria Eugenia interpreta sua própria história, relatando algo vivido por muitos negros, e nos faz interiorizar uma autoimagem que nega sua autoestima; mas, num crescente, a palavra “negra” que começa como insulto, se transforma em afirmação valorosa de uma identidade negra. No período em que esse

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F5vPoqDkMF0>>. Acessado em: 10 mar. 2015.

vídeo estava circulando frequentemente nas redes sociais, dois amigos falaram que eu precisava ver, e ao vê-lo, na hora, eu senti talvez o mesmo descrito no blog por Laila Batista (25 set. 2014):

O vídeo mexe com a gente em todos os sentidos, é possível saber exatamente que sentimento é aquele, de quando ainda criança somos expostas e apontadas como “uma coisa ruim” [...]. Os livros de história na escola nos privam de conhecer as mais belas histórias e organizações das nossas guerreiras antecessoras, que deixaram um legado de luta e inspiração para todas as gerações. Diante da ausência completa de referências positivos nas televisões, nas revistas infantis e juvenis, como crescer sem sentir sua autoestima ser mutilada todos os dias? Como não sentir dor quando nos gritavam negra?

Figura 4. Fotografia print screen (editada) do “Blogueiras Negras”



Fonte: Arquivo Laila Batista, 25 set. 2014.⁸

Posteriormente, no encontro virtual com Laila, estabelecemos um diálogo onde ela expõe a narrativa abaixo:

O processo de reconhecimento, do tornar-se negra é doloroso, e cheio de insegurança. Quando ao acordar enxergamos um inimigo no espelho, não aceitar a forma disforme do nosso cabelo, o rosto que nunca é destaque na

⁸ Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2014/09/25/me-gritaron-negra-e-o-grito-que-ecoa-em-todas-nos/>>. Acessado em: 13 mar. 2015.



revista Claudia⁹ e a cor que carrega infinitas experiências. Ao nos enxergar, enxergamos a nossa dor e recuamos assim como no poema de Victoria, onde o sentimento de desconfiança e pesar faz morada. Seu grito ecoa dentro de cada mulher que sofre tal repressão.

Laila conta que pega pela contradição, como muitas, demorou a compreender de fato o quanto a relação estética e a política podem andar juntas – fazendo parte de um conjunto de como queremos/precisamos ser vistas e de como nos enxergamos socialmente:

Eu militava no movimento estudantil e fazia o recorte racial nos debates, no entanto a minha prática ainda era de uma mulher negra que tinha vergonha dos traços, que achava o cabelo feio, que não se sentia bonita, e isso ainda era resquício de uma infância e adolescência difícil enquanto negra. O racismo corrói nossa autoestima, e mesmo que tenhamos formação política para compreender de que forma essa opressão se estrutura na sociedade, o empoderamento é importante, se sentir bonita, assumir a cabeleira do jeito que ela é acaba sendo fundamental para de fato assumirmos uma postura mais convicta das transformações que queremos. Foi então que em uma conversa com um companheiro de militância ele questionou porque eu mantinha o cabelo de escova e chapinha se eu sabia que aquilo era tentar me adequar a um padrão estético, voltei para casa e fiquei muito mal refletindo sobre, no dia seguinte fui para a frente do espelho e cortei parte do cabelo e logo vi um resultado diferente, o cabelo começou a enrolar, alguns meses depois continuei o processo de cortar até assumir totalmente meus crespos. Ser feminista negra para mim é uma convicção, é uma escolha de vida, de estar lado a lado com outras mulheres, irmãs na luta por uma sociedade em que sejamos todas livres, e pela superação de todas as formas de opressão.

Foi através do cabelo que durante muitos anos negros e negras foram oprimidos¹⁰ e levados a alisar para camuflar os traços de sua raça. Através desse processo de alisamento do cabelo crespo é como se reafirmasse uma supremacia europeia e branca e localizasse o cabelo crespo, cacheado, trançado ou com dreads como cabelos feios, ou inaceitáveis socialmente. Ao aceitar a natureza do cabelo crespo, negros afirmam para o mundo que não se renderam aos padrões, os Panteras Negras¹¹, um dos maiores e mais importantes movimentos para a emancipação do povo negro e no combate ao racismo tinha o black power como marca de resistência.

⁹ Revista Claudia, desde 1961. Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/claudia>>.

¹⁰ O uso do x ou xs é para agregar a pluralidade de gêneros, mulheres, homens na condição de cis ou transexuais e travestis, explicado por Laila em um dos diálogos.

¹¹ Panteras Negras é o nome de um partido negro revolucionário que foi fundado em meados do século xx, nos Estados Unidos. Era um país permeado por práticas racistas contra os negros, estes tinham lugares específicos para sentar no ônibus, andar nas ruas e locais típicos para frequentar, onde não se misturassem com os brancos. Em meio a discriminação, surgiram alguns nomes importantes para a conquista de direitos civis, sociais e políticos para os negros, como Martin Luther King, Malcolm X e Huey Newton e Bobby Seale que foram responsáveis por fundar, em 1966, o Partido dos Panteras Negras. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/usa/workers/black-panthers/>>. Acessado em: 20 mar. 2015.



INQUIETAÇÃO: O MEU PERTENCIMENTO E O ESTRANHAMENTO DO “OUTRO”

Apesar da força dos movimentos e do aumento de mulheres negras que se autodeclararam negras-crepadas e afins, Bell Hooks (2005) nos lembra “como dói perceber a relação entre a opressão racista e os argumentos que usamos para convencer a nós mesmas e aos outros de que não somos belos ou aceitáveis como somos” (p. 8).

Ela continua, afirmando que:

Em inúmeras discussões com mulheres negras sobre o cabelo, ficou constatado um manifesto de que um dos fatores mais poderosos que nos impedem de usarmos o cabelo sem química é o temor de perder a aprovação e a consideração das outras pessoas. [...] Poucas mulheres receberam apoio de suas famílias, amigos(as) e parceiros(as) amorosos(as) quando decidiram não alisar mais o cabelo. E temos várias histórias para contar sobre os conselhos recebidos de todo o mundo, até mesmo de pessoas completamente estranhas, que se sentem gabaritadas para atestar que parecemos mais bonitas se “arrumarmos” (alisamos) o cabelo (ibid. p. 9).

Vivemos em uma sociedade de consumo onde o “ter” é melhor do que o “ser”, por conta disso há uma enorme dificuldade da mulher negra fugir dos padrões impostos historicamente pela sociedade. “Certo número de mulheres afirmou que essa é uma estratégia de sobrevivência: é mais fácil de funcionar nessa sociedade com o cabelo alisado. Os problemas são menores; ou como alguns dizem, “dá menos trabalho” por ser mais fácil de controlar e por isso toma menos tempo” (hooks, 2005, p. 11).

O medo da reprovação faz com que muitas se calem e submetam-se as imposições midiáticas. O professor Boakari (2007) da Universidade Federal do Piauí, nos ensina que

A questão das diferenças em suas manifestações (as significações) variadas, especialmente nas consequências cotidianas, hoje faz parte da vida de todas as pessoas. Hodiernamente poucos são os acontecimentos que não indicam que qualquer indivíduo que vira as costas e se fecha contra as ondas das discussões, atividades, ações, e decisões acerca daqueles que “são diferentes dele(a)”, está recusando ver a si próprio(a) porque “os(as) diferentes” somos todos nós. É neste sentido que chamo atenção à uma Pedagogia do diferente... para o consciente contemporâneo. Todo mundo é ser humano, mas há características naturais e qualidades construídas que utilizamos para afirmar diferenças e erguer barreiras quando decidirmos não priorizar as nossas semelhanças



humanas. Através deste mesmo processo, as pessoas constroem suas identidades que as definem nas suas respectivas individualidades. As identidades servem de pontos de referência necessários para se conhecer a si próprio com a confirmação de outros em afirmarem que a sua identidade priorizada, combinam muito bem com o que sabem de você. Em outras palavras, você é aquela pessoa quem você se considera ser. Mas para servir de identidade aceitável, outros têm que concordar com tal consideração, e assim, confirmam a sua definição de si próprio. Uma outra pessoa (o diferente) ajuda um indivíduo a se conhecer melhor porque esta outra serve de parâmetro comparativo. Assim, a diferença desempenha o papel fundamental de ser alicerce e referência na construção das diversas individualidades que se apoiam nas múltiplas identidades que todo indivíduo possui. (p.2).

Nessa perspectiva o autor traz pontos relevantes para se pensar a diferença, indo ao encontro de bell hooks e sua militância: a alteridade importa enquanto base para a aprovação e a confirmação do que somos ou nos tornamos; o apoio das pessoas mais próximas conta na hora de acentuar individualidades; ambos entendem que a diferença é algo positivo e pode contribuir nas decisões tomadas por cada um(a). Entendendo e respeitando estética e política a partir das diferenças que possuímos, e, desejando que todas sejam percebidas enquanto algo necessário para a vida de cada pessoa, a autora e o autor acima nos alertam para isso. Consequentemente sobre a “metodologia do encontro” (Passos, 2014) penso que contribui oportunizando encontros presenciais e virtuais, possibilitando “encontrar-se com o outro” e ouvir suas narrativas. Os encontros semanais e mensais promovidos por grupos das redes sociais têm o objetivo de promover uma educação que reconhece e valoriza a diversidade e as diferenças, comprometida com as origens e atualidades do povo brasileiro. Entendemos que assim como a escola, as redes também podem ser educativas, e ser lugar de construção (e desconstrução) de conhecimento, construção de identidade, de valores, de afetos etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que essas mulheres têm em comum além da cor e do cabelo crespo? Histórias de luta e resistência? Elas disseram *de hoje em diante não quero alisar meu cabelo. Não quero!*. Histórias que se cruzam e se completam, e ao longo do percurso lhes empoderam. Será que precisamos mesmo dos padrões de beleza impostos pela sociedade e vendidos nas mídias?



Ao me encontrar com essas mulheres eu me reconheci em cada uma delas. Assim como Aline, a minha “identidade negra” se deu após ingressar na Universidade pública, mas os questionamentos começaram ainda enquanto criança, da mesma forma que os da Viviane. E quando gritavam "negra" doía na alma, e essa é uma dor que nos cala, como por vezes calou Victoria, no poema. Como nas escolas, por onde Laila passou, as minhas também não tinham livros que nos contassem histórias de mulheres como nós negras e que resistiram aos padrões impostos historicamente-socialmente. Nossas histórias se misturadas dariam uma só em forma de muitas (Boakari, 2007), porque elas se cruzam e se completam, e não falam só de uma de nós, falam de muitas. Busco contribuir de alguma forma para que essas redes se fortaleçam e os encontros (virtuais e/ou presenciais) tenham cada vez mais mulheres como nós, que trocam e acrescentam, e acreditam em uma educação que possibilita uma melhor visibilidade e valorização das diversas formas de ser mulher negra.

REFERÊNCIAS

BOAKARI, Francis Musa. Pedagogia do diferente: o poder transformador da educação-social e escolar. *Resenhas educativas: uma revista de senhas de livros*. 26 fev. 2007. Disponível em: <http://www.edrev.info/reviews/revp52.pdf>. Acessado em: 12 mar. 2015.

HOOKS, bell. Alisando nosso cabelo. *Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y artista de Cuba*, jan-fev. 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos.

OLIVEIRA, Danielle Christina do Nascimento. Meu cabelo não é só estética, é também política: Os movimentos sociais e as narrativas visuais. *VIII Seminário Internacional as Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação*. Rio de Janeiro, RJ: UERJ, 2015. ISBN: 978-85-8427-027-9. Disponível em: <http://www.seminarioredes.com.br/adm/diagramados/TR17.pdf>. Acessado em: 10 jul. 2015.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto. Encontros cotidianos e a pesquisa em Educação: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação. *Educar em Revista*, Curitiba: Editora UFPR, n. 51, jan./mar. 2014, p. 227-242.